

Tecnohumanismo: uma reflexão bioética sobre a (in)volução da biotecnociência

Technohumanism: a bioethical reflection on biotechnoscience's (in)voluion

Marcos Alexandre Alves*

Edson Sallin**

RESUMO: Discutimos, neste artigo, em âmbito reflexivo-crítico, o tema do tecnohumanismo e suas principais consequências para a cultura atual. A partir da Bioética, analisamos as bases atuais das mudanças em relação à vida humana como um todo. O artigo divide-se em três pontos: primeiramente, refletimos sobre os impactos e as mudanças geradas pela biociência e, consequentemente, pelas biotecnologias no mundo cultural; posteriormente, apresentamos as consequências da biotecnologia sobre o homem e desenvolvimento de um novo conceito de ser humano, perpassado pelo tecnohumanismo; e, por fim, trabalhamos a questão da manipulação do corpo humano, gerada pelo tecnohumanismo. A partir da reflexão chegamos à conclusão de que o corpo, na cultura atual, é visto e compreendido como objeto e mercadoria, valorizado sob o ponto de vista da economia e da estética, mas desvalorizado em sua dignidade.

PALAVRAS-CHAVE: Bioética. Corpo Humano. Biotecnologia. Estética.

ABSTRACT: We discuss, in this article, in a reflexive-critical context, the theme of technohumanism and its main consequences for the current culture. From Bioethics, we analyze the current basis of changes in relation to human life as a whole. This article is divided into three points: first, we reflect on the impacts and changes generated by bioscience and hence by biotechnology in the cultural world, then we present the effects of biotechnology on humans and the development of a new concept of human impregnated by technohumanism, and finally, we approach the issue of handling work from the human body, generated by technohumanism. Upon our reflection we conclude that the body is seen and understood in the current culture as an object and as merchandise, valued from the point of view of economy and aesthetics, but devalued in its dignity.

KEYWORDS: Bioethics. Human Body. Biotechnology. Esthetics.

INTRODUÇÃO

Estamos vivenciando uma época de grandes mudanças e transformações, não somente biocientífica ou tecnocientíficas, mas também com relação à cultura e à moralidade. Essas mudanças vêm transformando de modo radical e sistemático a vida humana e o que ela representa eticamente. Nesse sentido, numa era dominada pelas tecnologias, trazemos ao debate bioético o conceito do “tecnohumanismo”. Falar desse tema parece, num primeiro momento, como algo bastante descontextualizado e distante da nossa realidade existencial, porém está cada vez mais presente em nosso cotidiano individual, social e cultural. O sonho da imortalidade, do viver o máximo para poder desfrutar dos prazeres da vida, é requisito de um tempo em que o envelhecimento e a morte tendem a ser banidos da conjuntura da vida humana, por meio de desenvolvimento científico e tecnológico. Nessa perspectiva, esse novo ser criado pela biociência perderá a sua

identidade de pessoa, de alguém que convive, sente e se relaciona com os outros, e se tornará uma máquina num ser humano. Contudo, não podemos esquecer que somos seres de relação, e que precisamos do outro para preencher a nossa vida e nos realizamos como humanos.

Por conseguinte, analisaremos os caminhos que hoje a biotecnologia está direcionando para a busca e constituição de um ser humano perfeito. Ou seja, alguém que não terá doenças, não envelhecerá e, consequentemente, terá uma longa vida. Inicialmente, traremos para debate em bioética as mudanças que estão acontecendo em nosso contexto atual, especialmente aquelas relacionadas às transformações na vida do ser humano. No segundo ponto, iremos tratar, sob o prisma da Bioética, do tema do “tecnohumanismo” e suas principais consequências para a cultura hodierna. E, por fim, discutiremos a manipulação do corpo humano como mercadoria, objeto e fonte de prazer, pois vivemos em uma época em que a estética do corpo está cada vez mais presente e em evidência. Visto

* Licenciado em Filosofia – FAFIMC, Viamão-RS, Brasil. Doutor em Filosofia da Educação – PPGE/UFPEL, Pelotas-RS, Brasil. Mestre em Filosofia – PPGF/UFMS, Santa Maria-RS, Brasil. Professor Adjunto – UNIFRA e FAPAS, Santa Maria-RS, Brasil. E-mail: maralexalves@gmail.com

** Licenciado em Filosofia – FAPAS, Santa Maria-RS, Brasil. Bacharel em Teologia – FAPAS, Santa Maria-RS, Brasil. Especialista em Bioética e Pastoral da Saúde pelo Centro Universitário São Camilo, São Paulo-SP, Brasil. Sacerdote da Arquidiocese de Santa Maria-RS.

Os autores declaram não haver conflito de interesses.

e compreendido como uma máquina, o corpo tende a ser manipulado segundo os “olhos” do sistema. Portanto, nosso objetivo é identificar e mostrar que o ser humano não pode ser visto somente a partir de sua forma estético-corporal, mas como pessoa digna de ser respeitada na sua condição afetivo-relacional.

O MUNDO EM MEIO A RÁPIDAS E PROFUNDAS MUDANÇAS

Já se tornou comum, atualmente, falarmos de “tecnohumanismo” numa era dominada pela tecnologia, biociência e biomedicina. Sonhar com a “imortalidade”, que antes era privilégio e virtude dos deuses, parece não estar muito longe do nosso alcance.

Com o apogeu das ciências, o ser humano começou a determinar seu próprio destino. Em outras palavras: decifrou o código da vida humana^a. Com esse avanço, muitas doenças foram diagnosticadas, sendo que algumas delas, em si, tratadas (outras, porém, ainda não). Com efeito, partindo de um paradoxo bioético, podemos perceber que tudo isso suscita muitas interrogações, entre as quais: qual será o futuro da humanidade, frente às mudanças biotecnológicas?

Vivemos numa era em que se busca a felicidade, o bem-estar, os prazeres da vida, isto é, viver o máximo que se puder. A morte, nesse sentido, é vista como inimiga a ser destruída, algo colocado de lado, pois ainda é compreendida como um tabu. A intenção do homem do futuro é criar as condições de possibilidade para eliminá-la. Segundo D’assumpção, “a morte ainda é um tabu para o ser humano, especialmente na era da ciência e da tecnologia em que vivemos. Conseguimos descobrir os segredos do espaço sideral, mas não conseguimos conviver com o grande mistério que somos nós mesmos” (p. 16)¹.

Ignorar a morte^b, tentar a todo custo destruí-la, é o grande sonho da ciência moderna, que deseja “beber” da fonte da juventude. A morte tende a ser superada, surgindo, com isso, o que se denomina de “tecnohumanismo”. Dentro dessa perspectiva, ressalta Kübler-Ross,

há muitas razões para se fugir de encarar a morte calmamente. Uma das mais importantes é que, hoje em dia, morrer é triste demais sob vários aspectos, sobre-

tudo é muito solitário, muito mecânico e desumano. Às vezes, é até mesmo difícil determinar tecnicamente a hora exata em que se deu a morte (p. 11-2)².

À medida que o processo do morrer tende a ser superado, o ser humano tornará a prolongar a vida o máximo que puder. No entanto, terá mais vida, mas não necessariamente melhor qualidade de vida. Diante dessas mudanças, o ser humano perde a sua essência, isto é, a sua identidade. Assim, segundo Moser, o ser humano se “caracteriza como uma ‘essência’, ou seja, como um ser que mantém uma identidade, mas ao mesmo tempo se caracteriza como ‘dinamismo’, que garante a identidade” (p. 48)³.

O mundo mudou, e essas mudanças afetaram o próprio ser humano. Em última análise, na perspectiva de Bergestch, trata-se de uma mudança antropológica que “ocorre a partir do desenvolvimento da tecnologia que hoje é aplicada à medicina a partir da preocupação com o que pode ser produzido, o que pode ser conservado e o que pode ser controlado” (p. 86)⁴. Ou seja, vivemos em um contexto em que é possível perceber um conjunto de modificações não somente na cultura, na ciência, na pesquisa e na tecnologia, mas também nas relações inter-humanas.

O homem, na perspectiva de Breton⁵, deixou de ser guiado pelo Transcendente, para ele mesmo conduzir o mundo e a sua própria vida. Desse modo, em um contexto denominado por tantas transformações e mudanças, parece que o ser humano perdeu seu norte, diante das extraordinárias transformações que se sucederam. Ora, segundo Trasferetti “vivemos num mundo de rápido desenvolvimento científico e tecnológico que nos seduz e encanta e, ao mesmo tempo, nos inquieta, pois, em instâncias, torna o ser humano objeto e vítima do que deveria ser um avanço” (p. 29)⁶.

Os avanços científicos e tecnológicos transformaram não somente a vida do ser humano, mas o seu modo de ser e conviver consigo mesmo e com os outros. Sobre isso, ressalta Trasferetti que os “avanços científicos nem sempre são acompanhados de valores éticos, promotores de vida e respeitadores da dignidade humana. Inovações são constantemente introduzidas na vida humana, apresen-

a. Com o Projeto Genoma Humano (PGH), foi descoberto o Código Genético da Vida. Pode-se dizer que foi uma grande conquista ao mapear os genes humanos. Contudo, essa magnífica descoberta não para por aí; mesmo assim, a vida humana continua a ser um grande mistério que a ciência tende a desvendar.

b. A sociedade articulou uma série de ritos que ajudam a integrar e assumir a ruptura pessoal, familiar e social que é inseparável da morte. Ao mesmo tempo, a morte é um fato tão dramático e inaceitável que tem de ser submetido à cultura.

tando-se como novos desafios e possibilidades de se viver melhor” (p. 29)⁶.

Falar em vida, ou no seu sentido é de extrema importância numa época dominada pela cultura da morte e a desvalorização da pessoa como um todo. Por isso, conceituar o termo “tecnohumanismo” remete às manipulações a que o ser humano atualmente está se submetendo. Exemplo disso é o grande desejo de se viver o máximo que puder.

Atualmente, falamos muito desse tipo de procedimento que é a abordagem ética e moral, frente a esse “novo” ser humano do futuro que, tendo como referência a bioética, levanta-se muitos questionamentos^c. Dentre essas interrogações destacamos: que tipo de ser humano será? Na verdade, se reduzirá a pessoa somente ao corpo, sem levar em conta o todo da mesma. Para Trasferetti

considerar a pessoa não simplesmente como um corpo, não reduzi-la, pura e simplesmente, à biologia é um grande desafio. Uma visão holística, multi, inter e transdisciplinar do ser humano é imperiosa. O ser humano é um todo uno, um nó de relações. Ser gente significa possuir um corpo, ter um psiquismo, ter coração, conviver com os outros, cultivar uma esperança e crescer na perspectiva de fé e valores humanos (p. 46)⁶.

Para Agostini⁷, o ser humano necessita de relações com a alteridade^d e de conviver com os outros. A relação intersubjetiva faz parte da natureza humana. Por isso, o “tecnohumanismo” coloca em suspenso todos esses preceitos, pois não se está falando de um ser humano, mas sim de uma máquina que, ao “quebrar” uma peça, poderá ser substituída. Alhures, esse ser humano, forjado pelo tecnohumanismo, pode desenvolver uma personalidade e agir de modo totalmente individualista, egocêntrico, sem ter vínculos com outro seres humanos e não humanos.

Contudo, este “novo ser humano” terá longa vida, será saudável e feliz, pois aproveitará tudo aquilo que a vida lhe oferecer. Neste âmbito existencial, a morte poderá não trazer mais medo ou despertar angústia, uma vez

que poderá ser adiada cada vez mais. Consequentemente, isso resultará em um tipo de vida pouco comprometida com o cuidado de si e dos outros. Diante disso, podemos ainda falar de pessoa? Ou o homem é uma máquina dentro de um quase corpo humano? Mais ainda, podemos falar em vida humana e que tipo de vida será essa? Em última análise, não estaremos gerando outra espécie humana, mais forte do que a nossa?

Segundo Durand, a pessoa é “a existência em ato, é uma presença dirigida para o mundo e para as outras pessoas. Ela não existe senão dirigida para outrem, ela não se reconhece senão por outrem, ela não se encontra senão em outrem” (p. 280)⁸. Nessa perspectiva, ser pessoa^e é estar num contexto, isto é, estar no mundo e viver numa determinada sociedade. Por isso, o embrião humano em si não é pessoa, mas sim um ser humano com todas as potencialidades de humano.

Nessa concepção, partimos do paradoxo humano e não humano em relação ao “tecnohumanismo”. O respeito pela dignidade humana parte da perspectiva em que se está falando de um ser humano e não de uma máquina. Logo, ao abordar esse tipo de ser, até que ponto se leva em conta a sua dignidade, visto que, em si, não é um ser humano como os demais? Ora, o termo “dignidade humana” é, segundo Trasferetti,

o reconhecimento de um valor. É um princípio moral baseado na finalidade do ser humano e não na sua utilização como um meio. Isso quer dizer que a Dignidade Humana estaria baseada na própria natureza da espécie humana a qual inclui, normalmente, manifestações de racionalidade, de liberdade e de finalidade em si, que fazem do ser humano um ente em permanente desenvolvimento na procura da realização de si próprio (p. 56)⁶.

Esse é o grande desafio da atualidade. Ou seja, o futuro da humanidade e da vida no planeta dependerá de como responderemos a esses desafios. Ninguém pode não fazer nada, pois estará, simplesmente, se autodestruindo.

Em um cenário social em que a ciência^f e a técnica ganharam tamanha força, o ser humano se vê envolto entre

c. A dúvida muitas vezes coloca a sociedade, cientistas e demais pesquisadores em uma situação de impasse. Para onde ir? Quem pode nos guiar em um mundo secularizado e pós-moderno? Será possível encontrar um único critério para a orientação de todos? A fim de encontrar soluções, o essencial encontra-se no diálogo, pois ele orienta o amadurecimento da questão.

d. A alteridade nos coloca face a face com o outro, deixando irromper um projeto de justiça, na partilha do mundo. Deixar que o outro se mostre e nos interpele é entrar na dinâmica da epifania do Outro divino, o Deus criador. A aceitação do outro implica um compromisso / obrigação, um negar-se como totalidade, um afirmar-se como finito, na disposição de ir além da captação de um rosto sensível para colocar-se a serviço do outro.

e. Em cada pessoa, até na mais humilde, há o princípio do caráter sagrado da vida. Todo projeto que tem a possibilidade de ameaçar uma única pessoa é condenável, pois a morte, a humilhação de uma pessoa contém a morte e a humilhação de toda a humanidade.

f. De fato, se o símbolo dos progressos técnicos obtidos no século XIX foi a máquina a vapor, os símbolos do século XX foram a energia atômica e as conquistas espaciais, o símbolo dos progressos do século XXI, certamente, será a biotecnologia.

o que é real ou ficcional; pois ciências e tecnologias são formas privilegiadas de poder em nossos tempos e traduzem as possibilidades da serpente cuidadora ou nefasta.

É verdade, sim, que se está vivendo uma mudança radical em todo o contexto, trazendo com isso, uma realidade totalmente diferente^g. É a ciência que manipula o corpo, (re)criando um ser humano diferente, que não sofre, não ama, não tem compaixão e o mais fantástico: tem uma vida muito longa. Em si, uma máquina num ser humano. Eis o grande desafio do nosso século.

ABORDAGEM BIOÉTICA SOBRE O “TECNOHUMANISMO”

Após uma breve leitura da realidade atual, cabe agora trazer presente uma análise Bioética acerca do “tecnohumanismo”. A Bioética^h é tida como uma ciência que defende e promove a vida humana em todas as suas etapas. Desde sua origem, com Van Rensselaer Potter, em 1971, a Bioética tem mostrado sua força contra aqueles que ameçam ou destroem não somente a vida humana, mas também a vida não humana e a natureza como um todo. No nascedouro da bioética, Potter, ao cunhar o neologismo *bioética*, segundo Trasferetti,

propôs uma nova reflexão ética no contexto científico, que responde à problemática da preservação do meio ambiente e garante um futuro para a humanidade. Sua concepção sobre o significado da vida (*bios*) tinha um sentido macro, isto é, cósmico-ecológico, o que resultou na definição de bioética como “a ciência da sobrevivência humana” (p. 47)⁶.

Por conseguinte, o papel fundamental da Bioética é buscar responder aos problemas presentes, em especial, àqueles que se relacionam com a vida humana. Nesse mesmo sentido, para Barchifontaine e Pessini “a bioética pode ser definida como um instrumento de reflexão e ação, a partir de três princípios: autonomia, beneficência

e justiça. Busca estabelecer um novo contrato social entre a sociedade, cientistas, profissionais de saúde e governos. Além de ser uma disciplina na área da saúde é também um crescente e plural movimento social preocupado com a biossegurança e o exercício da cidadania, diante do desenvolvimento das biociências. Procura resgatar a dignidade da pessoa humana e a qualidade de vida” (p. 90)⁹.

Podemos dizer que, cada vez mais, a Bioéticaⁱ enfrenta desafios maiores, tornando-se um lugar de divergências importantes de ideias. Esses desafios não se restringem apenas ao plano dos dilemas concretos: pontos de vista diferentes sobre aborto, o diagnóstico pré-natal, o aconselhamento genético, os transplantes de órgãos animais, etc. Mas existem concepções diferentes da própria bioética.

Assim, a Bioética do século XXI deve trazer à tona a necessidade da discussão dessas questões tão complicadas, com base em alguns princípios, tais como: beneficência, dignidade, competência, autonomia e valor da vida humana. Enfim, está lançado o desafio de sermos defensores do conceito de que a dignidade da pessoa humana não se atribui, se reconhece; não se outorga, se respeita.

Vivemos em um cenário que se configura, cada vez mais, como a sociedade^j da pressa, do estresse, do descartável, das coisas passageiras, do momento, do cultivo ao corpo. Tudo isso tem gerado e modificado por completo a vida humana. Para Kehl,

o homem inventa para, na expressão feliz da Hannah Arendt, dar início a algo que ainda não existe – para isso, é necessário “acreditar” na continuidade da vida. Mas o futuro é também um tempo gelado, inabilitado pela memória e pela experiência, é o tempo da morte certa, lugar da nossa angústia. Quando mais vivemos projetados para um ideal de futuro, mais tememos a morte e tentamos banir do horizonte suas representações (p. 257)¹⁰.

Em contrapartida, o ser humano está indo para o mesmo rumo, tornou-se algo descartável, e suas “peças” podem ser substituídas. Assim, nasce o “tecnohumano”,

g. As causas da mudança vão mais a fundo: estão enraizadas na profunda transformação do espaço público e, de modo mais geral, no modo como a sociedade moderna opera e se perpetua.
h. Potter apresenta a bioética como uma ponte entre a ciência biológica e a ética. Sua intuição consistiu em pensar que a sobrevivência de grande parte da espécie humana, numa civilização decente e sustentável, dependia do desenvolvimento e manutenção de um sistema ético. O termo “bioética” apareceu em um artigo do cancerologista americano Van Rensselaer Potter, intitulado *Bioethics: Bridge to the Future*. O autor reivindicava para a bioética um vasto campo de aplicação, que englobava o controle da população, a paz, a pobreza, a ecologia, a vida animal, o bem-estar da humanidade e, por conseguinte, a sobrevivência da espécie humana e do planeta como um todo. Nesse sentido, a bioética não deve se limitar à descrição dos comportamentos, nem à apresentação como uma dedução de preceitos a partir de princípios abstratos, mas deve se constituir em “leitura” significativa e avaliatória da globalidade dos fatos vitais e das intervenções sobre a vida do homem à luz da totalidade de seus valores.

i. Bioética, ética da vida, é um espaço de diálogo transprofissional, transdisciplinar e transcultural na área da saúde e da vida, um grito pelo resgate da dignidade da pessoa humana, dando ênfase na qualidade de vida: proteção à vida humana e seu ambiente, por meio do desenvolvimento da tolerância e da solidariedade. Não é ética “pré-fabricada”, mas um processo.

j. O que caracteriza a sociedade contemporânea é que ela deixou de se questionar. É um tipo de sociedade que não mais reconhece qualquer alternativa para si mesma e, portanto, sente-se absorvida do dever de examinar, demonstrar, justificar (e que dirá provar) a validade de suas suposições táticas e declaradas.

um ser totalmente diferente dos demais. Vale dizer, o desenvolvimento de uma ciência voltada em “manipular” o corpo humano, segundo Novaes “abre-se para o mito do homem artificial, inspirado no homem-máquina de La Mettrie” (p. 08)¹¹. Pensar o corpo como uma máquina, equivale a quebrar paradigmas e decifrar o sentido da vida, pois o humano é uma coisa e a máquina outra. Ou seja, a máquina funciona, o homem vive, isto é, estrutura seu mundo, seus valores e seu corpo^k.

Nessa ótica, surge uma pergunta: podemos afirmar que o ser humano é mais que uma máquina? Em certo sentido sim, pois uma máquina, por si só, não tem autonomia, ela precisa de alguém para “apertar” o botão. Por sua vez, o ser humano tem domínio de seus atos, pensa, ama, chora, sente dor, sofre, sonha, tem medo, possui um corpo. O que não acontece com uma máquina. Em outras palavras, para Giddens “o corpo que tece o enredo pelo qual somos inseridos na história tende a desaparecer. Seres com um passado e um futuro, tendemos a perder a densidade de nossa história devido ao enfraquecimento entre tempo e corporeidade” (p. 12)¹².

A ciência, nos dias atuais, obteve grandes conquistas especialmente no campo da biomedicina, biociência e bioética. La Mettrie, não estava longe em decifrar algo que até agora é o sonho de muitos: criar um ser humano, que não morre, não tem dor, doenças, não sofre e que será finalmente feliz. Será? Ora, ao atribuímos o conceito de “tecnohumanismo”, muitos questionamentos se insurgem, assim como dúvidas e perguntas: seremos humanos ou máquinas? Essa é uma questão para a qual ainda não temos uma resposta concreta.

Manipular o corpo é criar um ser totalmente diferente dos demais. O “tecnohumanismo” parte por essa via. Ou seja, segundo Rouanet “assim como toda máquina que se preza passa por um rigoroso controle de qualidade, está próximo o dia em que todos os corpos humanos passarão por uma inspeção severa, desde o nascimento. Advogando-se, por exemplo, o uso do teste de DNA para fazer diagnósticos precoces, revelando predisposições para certas doenças muito antes que elas se manifestam” (p. 54)¹³.

Com base nisso, a pessoa se tornará um objeto a ser manipulado, alguém prestes a perder a capacidade de amar, sentir prazer, sorrir, pois não passará de uma máquina. Esse novo paradigma do “homem eterno” gera controvérsias e problemas diante do fato que representa, ou seja, que a morte não passará de “coisa” do passado. O próprio ser humano tem o segredo da vida, consegue manipular o seu próprio destino, porque mais do que nunca o homem sente-se senhor do seu destino e do seu corpo, capaz de libertar-se de todas as fatalidades que antes eram atribuídas à vontade de Deus, como certas características somáticas, a predisposição para determinadas doenças e até a duração da vida.

Como máquina, o ser humano perderia seu lado sentimental e relacional. Seria totalmente individual sem relações com o outro. Na verdade, não se poderia falar de humano, mas sim de “tecnohumanismo” ou ainda “quase humano”. Ao ser máquina o homem seria produzido em série como qualquer outro utensílio. Uma simples máquina pode ser replicada por outras máquinas.

Numa visão Bioética, esse novo ser coloca em suspenso todas as relações humanas, entre as quais, o amor, o afeto e a fé. Não seria em si uma pessoa, mas algo parecido, meio humano e meio máquina. Além do mais, poderíamos falar de alma humana? Ele teria consciência de si? Ou seria apenas uma máquina evoluída? Todas essas perguntas são de extrema importância e nos levam a refletir sobre uma realidade preocupante, que não está muito longe de nós. Como responderemos a essas questões, dirá muito sobre a revolução de nossa sociedade.

O CORPO HUMANO A SER MANIPULADO

Após termos refletido sobre o tecnohumanismo e suas principais consequências para o nosso tempo, cabe agora trazer ao debate a questão relacionada ao corpo humano a sua possibilidade de manipulação^l. O que se entende por corpo?

k. O próprio conceito de cultura genética, que ao longo da história do pensamento, procurou opor-se à ideia de natureza, tende hoje a se dissolver e dar lugar aos objetos técnicos. Tudo caminha, principalmente o corpo, para o artifício. A máquina dá, de fato, a fórmula da nova concepção de mundo. Desse modo, Descartes foi o primeiro a pensar o corpo como máquina, considerando-o como um relógio composto de engrenagens. Ao dar ao corpo uma configuração objetiva e neutra, a anatomia e a medicina esvaziaram-no progressivamente de seus mistérios. Sendo assim, nas origens da representação moderna do corpo está, sobretudo, o “corpo máquina”. O homem não poderia ser livre se estivesse sujeito a uma vontade que lhe fosse exterior. Na concepção religiosa tradicional, o homem era filho de Deus, sujeito à heteronomia da lei divina. Se é uma máquina, uma máquina autorregulável, um relógio que dá corda a si mesmo, não necessita nem de maquinista nem de relojoeiro. Com isso, o homem passa a ser dono do próprio destino.

l. Com efeito, a característica própria da consciência é que ela não é nada além do que lhe parece, ela é a identidade absoluta do ser e do aparecer, de modo que sua experiência - o fato de estar consciente - é a garantia de sua existência. Os avanços alcançados pelo desenvolvimento científico e tecnológico nos campos da biologia, da saúde e da vida, de um modo geral, principalmente nos últimos trinta anos, têm colocado a humanidade diante de situações até há pouco tempo inimagináveis.

O corpo faz parte de nossa existência, ou seja, existimos porque temos um corpo. Atualmente, segundo Breton¹⁴, falar de corpo humano, em si, equivale a falar do corpo sob o ponto de vista da beleza, da estética e da perfeição. Em outras palavras: o corpo, cada vez mais, é entendido como objeto plástico e/ou mercadoria que pode ser moldada em vista da perfeição. Nessa perspectiva, para Serrato

outro progresso ímpar com relação ao corpo-objeto diz respeito aos avanços das tecnologias médicas, que aumentam a estimativa da vida dos pacientes, com a ajuda das próteses ou mesmo com as regras de prevenção em relação ao cuidado da saúde. Ter uma vida longa fez com que as pessoas percebessem o corpo de outra maneira. O que antes era interpretado como sobrevivência, agora é percebido como outra forma de existência humana viabilidade pela plasticidade corporal. O corpo se torna plástico, manuseável, adaptável aos avanços científicos (p. 148)¹⁵.

Somos uma sociedade que prioriza, em todos os seus setores, a questão da beleza, isto é, àquilo que é bonito. Nesse sentido, insere-se a questão do corpo, como algo a ser cuidado, preservado e manipulado segundo as exigências sociopolítico-econômico^m. Esse sistema, permanentemente, coloca o homem em oposição ao seu corpo, fazendo desse um lugar de posse, um “ter” e não propriamente a raiz identitária que dá ao homem seu rosto. Vale dizer, o corpo nunca esteve em tanta evidência, graças à revolução sexual, aos avanços das ciências, sobretudo, das biociências e a da biotecnologia, uma vez que ambas explicitam e aprofundam a compreensão genética e protética do corpo. Logo, ter um corpo significa que ele necessita de cuidados, pois ali habita a nossa beleza. Em outras palavras: o nosso ser. Ora, o corpo não pertence a um domínio abstrato da nossa vida; ele permanece o centro inevitável da nossa existência e da nossa experiência mais imediata do tempo e do espaço.

Diante de um contexto que valoriza o belo, ter um corpo saudável e em forma, é sinônimo de bem-estar, *status* e beleza. Estamos na era das academias, da beleza exterior, das clínicas de estética. Enfim, para Bavcar

“o corpo torna-se assim, ao mesmo tempo, o espelho e aquele que observa a visão e seu reflexo, isto é, o Eu sabendo-se visto, tanto como o Eu não se sabendo visto, que procedem da mesma experiência do olhar corporal” (p. 181)¹⁶.

Ao usar a expressão ‘o corpo a ser manipulado’ *a priori* quer-se mostrar o cultivo atual do mesmo, como forma de prazer e beleza, numa sociedade que cada vez mais valoriza a estética e o corpo perfeito. Assim, o corpo é imperfeito e seu DNA imortal. A salvação está nos genes. O indivíduo pode ser corrigido ou eliminado. Enfim, o corpo espera o milagre da ciência para ser melhoradoⁿ.

Segundo Garrafa¹⁷, uma sociedade que prioriza a beleza do corpo julga necessário que este seja “manipulado”, isto é, a busca a todo custo por um corpo perfeito, segundo os “olhos” do sistema. O culto ao belo, a lógica do corpo malhado tem despertado nas pessoas a “neurose” de se encaixar naquilo que exige a sociedade propriamente dita.

O reconhecimento do corpo, de que existimos, e que este é propriedade do Eu, nasce do fato de que o corpo é visto e compreendido como coisa e objeto a ser manipulado. Ao mesmo tempo, Segundo Kehl, “a ciência moderna nos ensina a pensar o corpo como coisa, propriamente e encargo do Eu, a quem cabem o zelo e os cuidados capazes de garantir o melhor rendimento, a máxima durabilidade e o maior desfrute possível dos recursos desta máquina que a um só tempo é a sede da mente e da vida” (p. 243)¹¹.

Pensar o corpo como coisa ou objeto em si, implica a percepção e a possibilidade de manipulá-lo. Ao passo que, o próprio sistema define e manipula aquilo que deve ser. Sou meu corpo, disso não temos dúvida, contudo, para entrar-se nos moldes do contexto é preciso que o mesmo seja manipulado, isto é, ajustado. Nesse cenário, a tecnologia, a medicina, a boa alimentação, os manuais de vida saudável, tudo isso contribui para o rejuvenescimento dos corpos, mas o apelo social para que permaneçamos jovens e a difusão de um “estilo jovem” de vida para todas as faixas etárias tem mais efeito sobre os corpos do que todas as vitaminas e academias de cultura física.

Ademais, se o corpo é manipulado, torna-se uma máquina que deve funcionar perfeitamente, sem defeito. Tudo isso gera pessoas que lutam a todo custo para

m. O corpo próprio como corpo de Outro. Ao contrário da concepção do corpo como propriedade privada de cada um, afirmamos que nosso corpo nos pertence muito menos do que costumamos imaginar. Ele pertence ao universo simbólico que habitamos, pertence ao Outro; o corpo é formatado pela linguagem e depende do lugar social que lhe é atribuído para se construir.

n. Mais do que o corpo anatômico funcionante da medicina, mais do que o corpo imaginário da psicanálise, o corpo da atualidade é, acima de tudo, um corpo produtor de sentidos e de identidade. Essa é uma tendência do mundo contemporâneo, que considera toda forma viva como uma soma organizada de mensagens. Em parte, essa recente erotização de todos os corpos, é efeito da produção de imagens, efeito da cultura da publicidade e da televisão, que apela, sim, a que todos os corpos sejam belos, sensuais, sadios, desejáveis.

ter um corpo jovem, belo e perfeito. Sujeitos alucinados que vivem seus desejos, ilusões, assim como seus conflitos. Ou seja, trata-se de um sujeito que possui pensamentos atormentados e vive em permanente conflito com os seus desejos, que na sua compreensão julga ser capaz de controlar. O corpo negado assim como o laço social recusado retornam a ele na forma de sintomas neuróticos, angústias, percepção paranoicas do outro, solidão e falta de sentido para a vida.

O medo do envelhecimento e da morte faz com que o ser humano busque recursos e técnicas para esconder aquilo que o tempo aos poucos vai mostrando. O mito da eterna juventude, no limite, tende a produzir corpos sem história, dos quais tentamos apagar, com o auxílio da medicina, todas as marcas do passado. O culto ao corpo e a beleza exterior está cada vez mais mostrando uma realidade que é o desejo de ser jovem, 'eternamente jovem'; visto que, para o tecnohumanismo, o processo do envelhecimento será coisa do passado. Nesse sentido, o corpo é manipulado para o prazer de si e dos outros. A longevidade tão sonhada forja uma busca desenfreada por próteses, o que alimenta o sonho de eternizar o corpo. As limitações humanas, não encaixadas no modelo de corpo proposto, são apresentadas como incômodos passíveis de mudanças. Cria-se, assim, um mundo de perspectivas.

Negar que se está envelhecendo, ou mesmo a própria morte, são fatores de um tempo no qual se criarão pessoas belas, com corpos perfeitos, que terão vida longa. Contudo, serão vazias por dentro, pois vivem para contemplar a própria beleza. É o sonho de uma ciência que deseja acabar com a morte, com o sofrimento, cuja sua principal finalidade será dar aquilo que o ser humano mais precisa: um corpo bonito (sem os percalços causados pelo tempo) e jovem.

Portanto, cria-se uma personalidade somática que transfere o que somos somente ao nosso corpo. Tudo parte dele e por meio dele. Sou meu corpo. Contudo, esse paradigma é levado ao extremo quando a pessoa é vista somente pelo corpo e não por quem ela é propriamente. Segundo Lacroix¹⁸, o tempo é irreversível e o corpo é a primeira testemunha de quem somos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, acreditamos que a reflexão Bioética pode ser um instrumento a serviço do cultivo do desenvolvimento humano; pode apoiar o homem, despertá-lo e estimulá-lo para que consiga reconhecer-se na sua própria humanidade; pode ajudá-lo a descobrir seu próprio lugar na criação, a conseguir a estima de si mesmo e a sua própria paz. A partir daí ele poderá estabelecer os vínculos adequados para relacionar-se e viver com os outros em harmonia e dignidade. Ora, a missão atribuída à Bioética é (re)significar e estimular o potencial humano, exatamente em um momento em que a humanidade se pergunta pelo sentido da existência humana.

Nos últimos anos, o mundo mudou rapidamente. A ciência, a tecnologia, a economia, a política, a educação e as ideologias estão fazendo com que o mundo mude de maneira vertiginosa; e nessa conjuntura de transformações abruptas e repentinas o homem permanece desorientado, tentando reconhecer-se e encontrar valores que orientem o seu pensar e agir como efetivamente humano. Nesse horizonte de possibilidades, a Bioética surge como uma voz e um alerta para uma reflexão profunda sobre os perigos de uma concepção antropológica, tecnohumanista, em que o homem é tomado apenas como um apanágio estético-corporal capaz de produzir e consumir, mais do que para viver uma vida plena e harmônica.

Enfim, entendemos que a Bioética, enquanto "ciência da sobrevivência humana", assim como a definiu Potter, possibilita uma aproximação e interpenetração entre os avanços tecnológicos desenvolvidos pelas ciências naturais e os ensinamentos crítico-reflexivos preconizados pelos humanistas, num esforço sinérgico de busca de uma repensada metafísica do humano, em vista do estabelecimento de uma cultura que valorize o ser humano de forma integral e não apenas umas das suas dimensões. Não obstante, o desenvolvimento e o cultivo integral do homem é a chave para o contato com o outro e, consequentemente, possibilidade de encontro, diálogo e edificação de um mundo mais humano.

REFERÊNCIAS

1. D'Assumpção E, organizador. *Biotanatologia e Bioética*. São Paulo: Paulinas; 2005.
 2. Kübler-Ross E. *Sobre a morte e o morrer*. São Paulo: Martins Fontes; 2008.
 3. Moser A. *Biotechnology and Bioethics: para onde vamos?* Petrópolis: Vozes; 2004.
 4. Bergesch K. Quem somos? O debate sobre o conceito de pessoa e o início da vida. *Rev Pistis Práxis*. 2010 Jun;2(1):77-95.
 5. Breton D. *Anthropologie du corp et modernité*. Paris: Presses Universitaires de France; 2000.
 6. Trasferetti JA. *Ser e cuidar: da ética do cuidado ao cuidado da ética*. Aparecida (SP) / São Paulo: Editora Santuário / Centro Universitário São Camilo; 2010.
 7. Agostini N. *Teologia Moral: o que você precisa viver e saber*. 10a ed. Petrópolis: Vozes; 2007.
 8. Durand G. *Introdução geral à bioética: história, conceitos e instrumentos*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo / Edições Loyola; 2003.
 9. Barchifontaine CP, Pessini L. *Problemas atuais de bioética*. 7a ed. São Paulo: Centro Universitário São Camilo / Edições Loyola; 2007.
 10. Kehl MR. *As máquinas falantes*. In: Novais A, organizador. *O Homem-Máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras. 2003.
 11. Novais A. *A ciência do corpo*. In: Novais A, organizador. *O Homem-Máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras; 2003.
 12. Giddens A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP; 1991.
 13. Rouanet PS. *O homem máquina hoje*. In: Novais A, organizador. *O Homem-Máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras; 2003.
 14. Breton D. *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes; 2006.
 15. Serrato CA. *O corpo e a sexualidade na cama de procusto: valores e desafios na contemporaneidade*. *Rev Pistis Práxis*. 2010 Jun;2(1):145-72.
 16. Bavarcar E. *O Corpo, Espelho Partido da História*. In: Novais A, organizador. *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras; 2003.
 17. Garrafa V. *Bioética e manipulação da vida*. In: Novais A. *O Homem-Máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras; 2003.
 18. Lacroix X. *LE corps de Chair: les dimensions éthique, esthétique et spirituelle de l'amour*. Paris: Cerf; 2001.
-

Recebido em: 16 de julho de 2012.
Versão atualizada em: 10 de agosto de 2012.
Aprovado em: 03 de setembro de 2012.